

OS 
AVENTUREIROS

NO LABIRINTO PERDIDO

ISABEL RICARDO

ILUSTRAÇÃO DE CAPA: TIAGO DA SILVA
ILUSTRAÇÕES DE INTERIORES: CRISTINA MALAQUIAS

OS AVENTUREIROS ESTÃO DE VOLTA!

Vem conhecer *Os Aventureiros* Bia, João, Daniel, Cris e Tó Jú.

Todos os livros da coleção transportam os leitores para aventuras fantásticas em lugares excitantes que proporcionam conhecimentos históricos e culturais de forma acessível. Para além de cativar os jovens para a leitura, a coleção ajuda à divulgação do património português.

Com narrativas repletas de ação, humor e mistério, o leitor vê a sua imaginação estimulada e percorre as páginas de cada volume como se fizesse parte da história. Este é um dos motivos para que a coleção *Os Aventureiros* seja tão apreciada por professores, em especial de Português e de História.

É recomendada essencialmente para os 5º, 6º e 7º anos.

Tem também a particularidade de conseguir cativar diferentes idades.

Milhares de leitores já seguem *Os Aventureiros* desde 1999 (data da 1ª edição) e tornaram-se fãs incondicionais dos jovens heróis, ao ponto de o transmitirem a novas gerações.

Junta-te aos AVENTUREIROS e mergulha nestas aventuras empolgantes.

Mas, cuidado: não vais conseguir parar de ler!

Para saberes mais sobre estes jovens destemidos, consulta a página da

autora: www.isabelricardo.com e visita a página de Facebook:

www.facebook.com/pages/AVENTUREIROS/271829902855447

E-mail para leitores: aventureiros@isabelricardo.com

E-mail para professores: encontroscomaautora@isabelricardo.com





PREFÁCIO		9
CAPÍTULO I	Chegaram as Férias!	13
CAPÍTULO II	Um companheiro de viagem muito peculiar...	22
CAPÍTULO III	Uma surpresa espantosa!	33
CAPÍTULO IV	Enfim, acampados!	46
CAPÍTULO V	Um perigoso engano...	53
CAPÍTULO VI	Uma visão intrigante...	62
CAPÍTULO VII	Vozes na noite...	69
CAPÍTULO VIII	Uma suspeita...	78
CAPÍTULO IX	Aquela noite...	88
CAPÍTULO X	Que sucedeu?	94
CAPÍTULO XI	<i>João</i> diverte-se a valer...	104
CAPÍTULO XII	Fuga!	116
CAPÍTULO XIII	Assalto ao Castelo de Leiria...	128
CAPÍTULO XIV	<i>João</i> continua a fazer das suas...	136
CAPÍTULO XV	Perdidos no Labirinto do Castelo de Leiria!	143
CAPÍTULO XVI	As Três Portas...	152
CAPÍTULO XVII	Nas entranhas do Castelo...	159
CAPÍTULO XVIII	A Passagem Secreta...	167
CAPÍTULO XIX	Finalmente, salvos!	177
OS AVENTUREIROS		185
SOPA DE LETRAS		187
COLEÇÃO OS AVENTUREIROS		189



PREFÁCIO

Olá, pessoal! Eis mais um livro da série OS AVENTUREIROS.

Quando escrevi o segundo livro, que era em grande parte passado em castelos, apaixonei-me pelo Castelo de Leiria. É extremamente emocionante e um dos mais bonitos que eu já conheci. Por isso decidi escrever um livro que se passasse em grande parte lá.

Diverti-me imenso a calcorrear o castelo de ponta a ponta, em busca de sítios interessantes para o livro. Enfiei-me em buracos, espreitei para dentro da cisterna junto à Torre de Menagem, mortinha por saltar para a misteriosa escada de madeira que descia até se perder na escuridão, e estive até na sala que dava acesso à passagem secreta. Ainda andei a pesquisar uma possível passagem secreta nas redondezas da Igreja de Nossa Senhora da Encarnação, que teria ligação à do castelo. O que vos digo é que saí de lá cheia de lama e teias de aranha... Não preciso de vos dizer que me diverti a valer!

Quanto à passagem secreta do castelo, é muito provável que tenha existido. Os nossos antepassados eram muito engenhosos e gostavam de estar preparados para tudo, e é possível que tenham querido ter à mão uma fuga secreta em caso de necessidade ou ataque. O início da passagem era mesmo como eu a descrevo, segundo informações de quem trabalhou no castelo muitos anos.

Pelos relatos de várias pessoas, houve mesmo cinco alemães que decidiram explorar a passagem secreta do castelo e nunca mais apareceram. Mais tarde, para evitar situações idênticas, essa passagem foi fechada.

As três portas que refiro existem realmente. Se forem à Igreja da Sé e estiverem de frente para ela, à vossa esquerda, verão três portas quase disfarçadas no muro. Quanto ao que se diz acerca delas, mistério...

Queria pedir-lhes que nunca se metam em situações perigosas, por muito emocionantes que elas possam parecer. As coisas nunca correm como nos livros. Quanto a grutas, estas só devem ser exploradas por especialistas que, como devem saber, se chamam espeleólogos, porque são muito perigosas. Até eles por vezes se veem em sarilhos. Há sempre mil perigos à espreita. Por isso é que escrevi este livro para que vocês pudessem viver as emoções dos AVENTUREIROS, sem correrem riscos.

OS AVENTUREIROS NO LABIRINTO PERDIDO está repleto de cenas hilariantes, perigo, suspense, ação e muita aventura, bem ao vosso gosto. Espero que gostem tanto deste livro, como gostaram dos anteriores.

Com um grande abraço da vossa amiga.

A handwritten signature in cursive script, reading "Isabel Ricardo". The signature is written in dark ink and has a fluid, personal style.

O meu agradecimento aos alunos e professores dos Agrupamentos de Escolas Fernando Casimiro da Silva, Rio Maior, Artur Gonçalves, Torres Novas, Caranguejeira e Santa Catarina da Serra, Leiria, Ribeiro Sanches, Penamacor.

E também à E.B.2 Dr. Oliveira Perpétua, Porto de Mós, E.B.2,3 Dr. Ruy de Andrade, Entroncamento, E.B.2,3 Professor João Fernandes Prata, Samora Correia, E.B. D. Carlos I, Sintra, E.B.2,3 Garcia d'Orta, Castelo de Vide, e a tantas outras que me receberam com o maior carinho.

O meu carinho muito especial ao António Oliveira, Inês Simões, Margarida Pereira, Margarida Xavier e Pedro Simões pelos maravilhosos trabalhos sobre OS AVENTUREIROS.



CAPÍTULO I

Chegaram as Férias!

— **U**fa! Que calor! — exclamou Bia, de cabelo castanho-dourado e olhos verdes-claros. — Chega-te p'ra lá, *João*!

João era um corvo muito engraçado e brincalhão que adorava imitar tudo e todos. Tinha um bico comprido e forte, olhos muito vivos e penas negras, com reflexos azuis.

«Ufa! Que calor! Ora! Ora, essa! Esta, agora! Óo-láá!»

Toda a gente que se encontrava no autocarro riu-se. O motorista já tinha lágrimas de tanto rir. Que corvo doido!

João estava nas suas sete quintas.

— O *João* está a dar espetáculo! — reparou Cris, abanando a cabeça. Era louro, de olhos azuis e um ano mais velho que a irmã.

Dirigiam-se para casa, pois terminava o último dia de aulas antes do feriado, o que lhes iria permitir uns diazinhos de férias que pareciam ter caído do céu.

O corvo, empoleirado no ombro do motorista, brindava-o com uma série de espirros estrondosos e imitações de tudo o que ele conhecia. Os viajantes riam-se e olhavam para a ave à espera que continuasse. *João* não se fazia rogado e continuava o seu enorme repertório de disparates.

— *João*, vem cá! — chamou a dona, levantando-se.

João voou para o ombro dela, satisfeito.

«Óo-láá! A-a-a-TCHIM! Ora, abóbora! Óo-láá», saudou ele, como se não a visse há anos. Imitou a buzina de um carro.

As pessoas riram-se, com pena de se separarem daquele corvo tão engraçado. O motorista olhava para os jovens, desolado.

Eles riram-se da cara do homem.

— Diz adeus aos teus amigos, *João!*

«*Au revoir!* Até à vista, ó vigarista! Feliz Natal! Caramba!»

Apearam-se na paragem, com o corvo a imitar uma garrafa de champanhe a ser aberta.

— Este corvo cada vez está mais maluco... — observou Bia, fazendo-lhe uma festa na cabeça.

As pessoas com quem se cruzavam olhavam espantadas para eles. Mas, passado o momento da surpresa, riam-se, pois o corvo cumprimentava-os com um «Óo-láá!» muito educado, levantando a cabeça com o «Óo» e baixando-a com o «láá!».

Minutos depois entravam em casa.

— MÃE!

— Estou na sala! — gritou-lhes uma voz.

Atiraram as mochilas para o chão e dirigiram-se para lá. *João* chegara primeiro e já estava no ombro de uma senhora de fartos cabelos ruivos que bordava à mão.

Ela levantou os olhos, sorrindo. *João* estava a presenteá-la com a sua mais recente imitação: uma motorizada a trabalhar.

Os filhos beijaram-na, bem-dispostos.

— Alguém telefonou? — perguntou Bia, ansiosa.

Ana Maria riu-se.

— Sim. O Daniel. Duas vezes. Pediu para lhe telefonarem para casa logo que chegassem.

— Vou eu! — disse Cris, correndo para o telefone.

Ana Maria poisou o bordado na cadeira e dirigiu-se para a cozinha, sempre com o corvo a voar à volta dela, bajulador.

— Seu engraxador! Estás a ver se te dou um petisco, não é? «Ora bem! Esta agora! Caramba! Ufa! Que calor!»

— O *João* esteve destrambelhado de todo, mãe! Parecia adivinhar que hoje era o último dia de aulas. Só fez dispa-

tes! Não parava de se meter com o professor, a imitar tudo o que dizia. Tivemos de fechar a janela para ele não poder entrar. Era uma barulheira! Imagina, toda a gente a rir aos altos gritos!

A senhora riu-se, imaginando a cena. A filha ajudou-a a arranjar o lanche. Já havia na mesa um enorme bolo de laranja, mousse de chocolate caseira com pedacinhos de nozes e sumo de laranja.

— Hum! Que delícia! Só coisas boas!

«Hum! Que delícia! Huuummm!», fez *João*, concordando plenamente. Imitou uma tosse seca e acabou com um espirro monumental, quase fazendo tremer tudo o que se encontrava sobre a mesa.

— Exagerado! — ralhou *Bia*, rindo-se bem-disposta.

Cris apareceu na sala, sorrindo.

— Já está tudo combinado. Falei com o *Tó Jú* e o *Daniel*. Mandaram beijinhos para vocês. Vão esperar-nos amanhã à estação de comboios de Valado dos Frades e de lá vamos no autocarro para a *Nazaré*.

Os olhos de *Bia* brilharam de alegria. *Tó Jú* e *Daniel* eram os primos da *Nazaré* que tinham conhecido nas férias do verão do ano anterior. Ao princípio, não tinham simpatizado nada uns com os outros. Enquanto os de Lisboa achavam os da *Nazaré* sem maneiras, estes, por sua vez, achavam os outros demasiado snobes. Mas a pouco e pouco lá se tornaram amigos, aprendendo alguma coisa uns com os outros. Tinham vivido uma fantástica aventura, descobrindo um tesouro de lingotes de ouro escondido há dezenas de anos nos subterrâneos do bonito promontório. Ficaram tão amigos que nas férias do Natal se juntaram novamente, vivendo nova aventura. Desta vez caçando uma quadrilha de ladrões de diamantes e recuperando o produto desse audacioso roubo, no Mosteiro de *Alcobaça*.

Nas férias da Páscoa tinham-se envolvido com traficantes de droga, na Lagoa de Óbidos. Também parecia há séculos que Cris fora raptado da Fortaleza da Berlenga e levado para a Ilha Selvagem, onde tinham vivido momentos terríveis e emocionantes.

— Não lhe perguntaste porque não ligaram para nós? — perguntou ela, curiosa.

O irmão piscou-lhe o olho, divertido.

— Parece que gastaram o saldo todo do telemóvel numa semana e então a tia Cristina pô-los de castigo uma semana sem telemóvel!

Bia fez um ar consternado.

— É o que vos espera se fizerem o mesmo — avisou Ana Maria, afastando *João* do frasco do doce, pois este tinha lá metido o bico e estava todo satisfeito.

— Quando é que o pai volta? — perguntou a rapariga, mudando apressadamente de assunto.

— Ainda não sei. Vocês sabem como é...

Eles sorriram. Sabiam bem o que a mãe queria dizer. O pai de Bia e Cris fazia viagens de cerca de dois meses e só na primeira aventura, passada na Nazaré, é que eles tinham descoberto que, além de comandante de um navio, era agente secreto do governo.

— Estou cheia de saudades dele!

— Também eu — concordou Cris, olhando reprovador para o corvo, pois este bicava uma fatia do seu bolo, ao mesmo tempo que dava uns enormes soluços. — *João!* Não sejas mal-educado!

«Maroto sem vergonha! Mariola! Malcriado!»

— Isso mesmo! Eu próprio não diria melhor!

— Também tenho a certeza que o vosso pai está cheio de saudades vossas — comentou a senhora, sorrindo. — Quando é que pensam ir para a Lagoa do Valado?

— Combinámos ir depois de amanhã, mãe. Passamos o dia de amanhã em casa da tia Cristina e saímos no dia seguinte. Temos de aproveitar bem estes diazinhos! Levamos as tendas de campismo que nos ofereceram quando tivemos aquela aventura nas Berlengas e nas Selvagens¹. Lembras-te, mãe? — perguntou Bia, com os olhos a brilhar ao recordar as peripécias lá passadas.

— Claro que me lembro!

— Que aventura fantástica aquela! E a gruta submarina?!

O irmão abanou a cabeça.

— Não penses que agora em todas as férias vais ter uma aventura, Bia! Aquilo foi um golpe de sorte, mais nada!

— Bem sei! Não precisavas de o dizer. Posso sonhar, ou não posso? — perguntou ela, um bocadinho aborrecida.

— Estas férias quero que sejam calmas e sem perigo. Bastou-me as outras — afirmou Cris, sorrindo à ideia de umas férias sem preocupações nenhuma; só a preguiçar.

— És um desmancha-prazeres!

«Que horror! Óo-láá! Ora bem! Esta agora!»

— Meu querido *Joãozinho*! Parece que adivinha que começaram as férias e que pode andar sempre connosco!

«Olarila! Muito bem! Ufa! Que calor!»

— Espertalhão! Amanhã vais ver o Tó Jú e o Daniel! Que me dizes a isso?

João soltou tal berro que eles pularam de susto. Começou a andar de um lado para o outro da mesa, bamboleando-se comicamente, parecendo muito excitado. Ora dava espirros, ora risadas, intervalando com um arroteo e um «perdão» muito discreto. Parecia maluco de todo. É que ele adorava os dois rapazes, embora preferisse o mais novo.

Comeram, alegremente. *João* desatou a bicar o bolo, deliciado.

¹ Da mesma coleção: *Os Aventureiros na Ilha Misteriosa*. (Nota da Autora)

— *João*, se queres comer bolo, eu dou-te uma fatia, senão fica todo esburacado com esse teu bico! — ralhou Ana Maria, olhando horrorizada para o seu lindo bolo que estava a ficar cheio de buracos. — Sai daqui! Toma lá uma fatia!

E pôs-lhe uma grossa fatia num prato.

João ficou encantado e imediatamente se atirou a ele.

— Está tudo delicioso! — elogiou Bia, já na segunda fatia de bolo, mas antes já comera duas taças de mousse de chocolate.

— Maravilhoso! Se o Tó Jú estivesse aqui, «limpava» com tudo num instante! — observou Cris, rindo-se. O primo mais velho era muito comilão, talvez por isso era tão alto e forte.

— Comi tanto que acho que não me consigo levantar! — declarou Bia, sorrindo.

— Pudera! Comeste que nem um elefante! Não sei onde é que meteste tanta comida...

A rapariga riu-se bem-disposta.

— É de saber que vou ter uns diazinhos de folga.

Ana Maria riu-se.

— É melhor irem tratar de arrumar as vossas coisas. Hoje têm de se deitar cedo, senão amanhã não acordam a tempo de apanhar o comboio. Depois teriam de ir no dia seguinte...

Os filhos levantaram-se como se tivessem molas e correram para os respetivos quartos, arrastando as mochilas atrás.

— Foi remédio santo, *João*! Viste como se levantaram num instante...? — perguntou a mãe, sorrindo e fazendo-lhe uma festa na cabeça.

«Maroto! Mariola! Ora, vejam!», fez o corvo, terminando com um ataque de tosse. Voou para o quarto da dona, sempre a tossir.

— Estás com uma tosse medonha, meu caro! Tens de ir ao médico. Cris, viste o meu rádio? — perguntou Bia, remexendo num armário.

— Vi. Já está arrumado na tua mochila. E o carregador do telemóvel também!

— Tens a certeza? — inquiriu Bia, afastando *João* do seu ombro, pois este divertia-se a puxar-lhe os cabelos.

Passaram o resto da tarde a preparar as coisas que iriam levar.

A mãe entrou no quarto de Bia.

— Têm a certeza que não lhes falta nada?

— Acho que sim, mãe. Lanternas de algibeira, rádio, carregadores, fósforos... podem ser necessários. Os fatos de banho, um par de calças e outro de calções, duas t-shirts — enumerou Cris. — Não podemos levar muita roupa, mãe.

— Têm de levar uma camisola quente. Sabes bem que em outubro pode chover, e também pode haver trovoada. Este tempo não é de fiar. Até agora temos tido sorte.

— Também temos um casaco para cada um.

— Então, agora venham jantar — pediu a mãe, saindo.

João soltou um guincho, encantado, voando para o ombro dela, fazendo-a rir. No fim da refeição, ajudaram-na a levantar a mesa.

— Mãe, deixa que eu e o Cris lavamos a loiça.

O irmão fez um ar horrorizado e a mãe riu-se.

— Está bem. Enquanto vocês arrumam a cozinha, vou ver se acabo o trabalho que tenho em mãos. — E saiu, satisfeita.

— Estou morta p'ra ver a tal lagoa e tu, Cris? — inquiriu a rapariga, fazendo um grande estardalhaço a lavar os pratos, salpicando tudo à sua volta. — Éramos para ter lá ido nas férias da Páscoa quando tivemos aquela aventura na Lagoa de Óbidos. Lembras-te?

— Como é que podia esquecer?! Mesmo que quisesse, tu não deixavas...

Bia fulminou-o com o olhar.



— És mesmo insuportável!

Cris riu-se, enquanto limpava a loiça que a irmã lhe passava.

— Não fiques assim, maninha. Estava a meter-me contigo. Também estou morto que chegue o dia de amanhã.

— É só um dia — observou Bia, deixando escorregar um prato das mãos. Este foi cair dentro de água, molhando-a toda.

João soltou um grito indignado ao levar com alguma espuma no bico. Voou dali para fora enquanto o diabo esfrega o olho.

Algum tempo depois estavam quase despachados. O corvo divertia-se a imitar um som novo. Minutos atrás passara pela rua uma ambulância e ele deliciava-se agora com o som da nova imitação.

A mãe apareceu naquele momento a tapar os ouvidos.

— Cala-te, *João*, por favor! Já estou a ficar surda!

«Caluda! Chiu! Calado! Chhchiiiiiu!»

— Isso mesmo!

João desatou a rir às gargalhadas.

— Que barulho! — disse novamente a senhora, respirando aliviada quando ele terminou. — Ainda bem que vocês não ficam em casa da Cristina muito tempo, senão a coitada dava em doida com três rapazes, uma rapariga e um corvo a fazerem barulho. É de deixarem uma pessoa maluca!

— O ano passado era um avião avariado — lembrou Bia, olhando para o corvo que pôs a cabeça de lado. Imediatamente imitou o ruído do motor de um avião. — Não, *João*! Não é p'ra fazeres! Para!

Mas este, como já era hábito, só parou quando lhe apeteceu.

O telefone tocou e perceberam que a mãe atendera, mas com todo o barulho que *João* fazia, não conseguiram entender patavina.

— Mãe! Era o pai ao telefone?

— Não! — respondeu a mãe prontamente e não adiantou mais conversa.

Bia olhou para o irmão, desapontada.

— A mãe respondeu muito depressa, não achaste, Cris? Quase nem me deixou acabar de perguntar...

— Vês mistérios em tudo!

— Safa! Tu hoje estás insuportável! — exclamou ela, atirando-lhe com água.

A partir dali nunca mais houve sossego, com um a tentar molhar o outro, aos gritos, e o corvo a guinchar à volta deles, excitado.

A mãe tapou os ouvidos. Sorriu ao lembrar-se dos dias tranquilos que iria ter quando eles se fossem embora e levassem aquele pássaro tão barulhento...